



# Carta Aware

FEVEREIRO 2023

Leia mais em nosso site: [www.awaregestao.com](http://www.awaregestao.com)

## Estados Unidos

Olhos abertos para um “hard landing”... Nem tudo são flores.

O PIB norte-americano cresceu a uma taxa anual de 2,7% no quarto trimestre de 2022, de acordo com segunda estimativa divulgada pelo Bureau of Economic Analysis. No terceiro trimestre do ano, o PIB real subiu 3,2%. A expectativa do consenso Refinitiv era de que o percentual no 4º trimestre ficasse em 2,9%, mesma taxa anunciada na primeira estimativa do PIB, divulgada em janeiro. Já o índice de preços das despesas de consumo pessoal (PCE) aumentou 3,7%, uma revisão em alta de 0,5 ponto percentual. Excluindo os preços de alimentos e energia, o índice de preços do PCE aumentou 4,3%, uma revisão para cima de 0,4 ponto percentual.

Na atividade industrial, mais um indicativo de que a economia segue com entraves maiores do que as soluções testadas, até o momento. O índice de gerente de compras (PMI) industrial dos EUA subiu de 46,9 em janeiro para 47,3 em fevereiro, informou a S&P Global. O número ficou ligeiramente abaixo das expectativas de analistas consultados pelo The Wall Street Journal e da prévia do dado, de 47,8. O resultado mostra que a atividade industrial nos EUA segue em território contracionista, abaixo da marca 50. “A manufatura dos EUA permaneceu sob intensa pressão em fevereiro. Embora o PMI tenha subido ligeiramente, continua a sinalizar a maior desaceleração fora da pandemia desde 2009”, destaca Chris Williamson, economista-chefe de Negócios da S&P.

E como era evidente, o aperto contínuo e a subida de juros devem ser prolongados no horizonte próximo. Presidente do Fed de Minneapolis, Neel Kashkari disse estar disposto a subir os juros tanto em 0,25 ponto percentual quanto 0,50 ponto percentual na próxima reunião do Fomc em 22 de março. O dirigente, que falou durante evento empresarial em Sioux Falls, tem direito a voto nas reuniões do Fed este ano. De qualquer forma, Kashkari considera que as novas projeções dos dirigentes do BC americano para os juros, a serem divulgadas na próxima reunião, serão mais importantes que o nível da alta adotada. “Estou inclinado a continuar impulsionando o aperto monetário, em comparação com minha visão de dezembro”, antecipou o banqueiro central. Kashkari ainda ressaltou que o principal objetivo da entidade monetária agora é reduzir a alta inflação nos EUA. “Queremos evitar recessão, mas reduzir inflação é nosso trabalho número um”, disse o dirigente. “Estamos em um ambiente de força aguda do mercado de trabalho em todo o país”, comentou Kashkari. Para ele, parte do problema é o fato de que a economia americana ainda não tem trabalhadores o suficiente depois do choque da pandemia.

### Europa

No continente europeu, aos tropeços a economia avança, e muito lentamente um otimismo pragmático se forma.

O PMI composto da zona do euro subiu de 50,3 em janeiro para 52,0 em fevereiro, em seu segundo mês seguido acima da linha de 50, que separa a contração da expansão. Os dados do indicador que agrega os PMIs da indústria e dos serviços foram divulgados pela S&P Global. O número veio um pouco abaixo da estimativa do consenso Refinitiv, que previa 52,3. O PMI específico do setor de serviços, avançou para 52,7 em fevereiro, ante 50,8 em janeiro e atingiu seu maior patamar em oito meses. Neste caso, a projeção também era um pouco mais alta, de 53,0. Segundo a pesquisa, a confiança empresarial também subiu para o maior nível em 12 meses, mas permaneceu abaixo do patamar anterior à invasão da Ucrânia pela Rússia. Enquanto isso, os dados de inflação vieram ligeiramente acima do esperado, com uma taxa de 8,5%.

Na Alemanha, ainda que tenha crescido abaixo do esperado, o PMI se manteve acima da barreira dos 50, indicando expansão. Junto disso, o sentimento empresarial voltou a ser mais otimista, enxergando boas perspectivas para a recuperação econômica. O índice de sentimento das empresas da Alemanha subiu de 90,1 pontos em janeiro, para 91,1 pontos em fevereiro, atingindo o maior nível em oito meses, segundo pesquisa divulgada pelo instituto alemão IFO. "A economia alemã está gradualmente saindo de um período de fraqueza", comentou o presidente do IFO, Clemens Fuest.

Em terras chuvosas como o Reino Unido, sempre há de esperar um arco-íris depois da tempestade.

O PMI composto britânico avançou, de 48,5 em janeiro para 53,1 em fevereiro, pouco acima do consenso de 53,0. O indicador composto encerrou assim um período de declínio que já durava seis meses. A leitura mais recente de serviços sinalizou um aumento sólido na atividade comercial e a taxa de crescimento foi a mais forte desde junho de 2022. Parte dessa remontada inglesa passa por amarrar pontas soltas em acordos comerciais pós-Brexit. Após intensas negociações, Reino Unido e União Europeia fecharam um acordo que define as regras para o comércio da Irlanda do Norte, segundo informaram veículos da imprensa local, com base em fontes. O tema era um dos últimos impasses remanescentes sobre o Brexit, como é conhecida a saída do país do bloco europeu. Segundo a Reuters, o entendimento deve flexibilizar normas alfandegárias que incidem sobre produtos que passam do Reino Unido para a Irlanda do Norte. Ainda pelos termos do pacto, Londres poderá impor novos impostos e decidir regras para subsídios, conforme a agência.

Ainda assim, com todo esse clima de dias melhores, a razão ainda fala alto e as autoridades monetárias do país insistem em pregar o ceticismo. Em fala ambígua, a dirigente do BoE, Silvana Tenreiro disse que há riscos de haver aperto monetário "demais" no Reino Unido. Ela também comentou que a forma dos choques de preços de energia e os atrasos de política monetária apontam para a possibilidade de aperto excessivo pelos bancos centrais, em geral. No entanto, a banqueira central ponderou que, se a inflação persistir no Reino Unido, a política monetária fará mais.

## Ásia

### China

Modéstia não estará à parte no planejamento econômico chinês para 2023.

Buscando não atrair grandes expectativas, a China estabeleceu, além de uma total reformulação da cúpula responsável pela economia nacional, a meta de crescimento para este ano em "cerca de 5%", durante o Congresso Nacional do Povo (NPC). A nova referência foi anunciada pelo primeiro-ministro chinês, Li Keqiang em um discurso de uma hora, estabelecendo prioridades econômicas e um novo orçamento - incluindo mais gastos de defesa. "A inflação global continua alta, o crescimento econômico e comercial mundial está perdendo força e as tentativas externas de reprimir e conter a China estão aumentando", disse ele à multidão reunida no vasto Grande Salão do Povo de Pequim. "Neste ano, é fundamental priorizar a estabilidade", afirmou. O FMI disse que a economia da China deve se recuperar para 5,2% este ano, com os gastos das famílias e a atividade empresarial aumentando. A produção industrial no mês passado cresceu em seu ritmo mais rápido em uma década depois que Pequim abandonou em dezembro sua política rígida de "zero covid". A meta de déficit orçamentário do governo foi fixada em 3% do PIB, ampliando em relação aos 2,8% do ano passado. Os gastos devem aumentar 5,6% em relação a 2022, para 27,51 trilhões de yuans (US\$ 3,9 trilhões), enquanto a meta de inflação ao consumidor será mantida em 3%, disse Li. Pequim também se concentrará na autossuficiência em ciência e tecnologia, disse Li, num momento em que Washington impõe restrições aos semicondutores chineses e à tecnologia de inteligência artificial, alegando questões de segurança nacional. A China, que fica atrás apenas dos Estados Unidos em gastos militares, quer fortalecer suas forças armadas, disse Li, com 1,55 trilhão de yuans destinados à defesa, um aumento de 7,2% no ano. "Devemos garantir que as operações militares, a capacitação e a preparação para o combate sejam bem coordenadas no cumprimento das principais tarefas e na aceleração da implementação de grandes projetos relacionados à defesa", disse Li.

Para atingir tais ambições, a política monetária permanecerá precisa e vigorosa. O Banco do Povo da China disse que se concentrará em apoiar a expansão da demanda doméstica e estabilizar o crescimento econômico e os preços, evitando estímulos "semelhantes a inundações", de acordo com o relatório. Além disso, o banco central manterá a liquidez razoavelmente ampla e o crescimento efetivo do crédito, informou o relatório. Por mais um mês, as principais taxas de juros também se mantiveram inalteradas.



## Ásia

### Japão

Troca na chefia do BC também é pauta em território japonês. E o homem já chegou com ideias.

O próximo presidente do Banco do Japão, Kazuo Ueda, disse que tem ideias sobre como o banco central japonês pode sair de seu estímulo monetário massivo, mas uma mudança para uma política mais rígida só ocorrerá quando a tendência de inflação do país aumentar de forma significativa. O banco central reduzirá sua compra de títulos e deve seguir para a normalização da política monetária quando o cumprimento sustentado de sua meta de inflação de 2% estiver à vista, disse Ueda. "Grandes melhorias devem ser feitas na tendência de inflação do Japão para que o Banco do Japão mude para o aperto monetário", disse Ueda. "Não é que eu não tenha ideias sobre como ajustar a política atual do Banco do Japão. Mas o ajuste desejável irá variar dependendo das mudanças econômicas no momento", disse Ueda, acrescentando que é prematuro comentar como o banco central pode mudar a política monetária.

Seguindo o fio dos próximos passos na estratégia do BoJ, uma inflação recorde e um crescimento menor do que o esperado pode vir a mudar os planos econômicos no médio-prazo. A economia do Japão cresceu 0,2% no quarto trimestre de 2022, um avanço menor que os +0,5% estimados pelo consenso. Na base anualizada (quarto trimestre de 2022 ante o mesmo período de 2021), o PIB aumentou 0,6%. O consumo privado aumentou 0,5% no quarto trimestre ante o trimestre anterior e a demanda externa cresceu 0,3%. Já os gastos de capital recuaram 0,5%. Já a inflação, manteve sua aceleração em janeiro, a 4,2% ao ano, nível mais elevado desde setembro de 1981, segundo dados divulgados pelo Ministério do Interior japonês. O aumento dos preços, que não incluiu alimentos frescos, foi levemente inferior aos 4,3% esperados pelos economistas, mas superou os 4% registrados em dezembro.

## América Latina

### Argentina

Só no futebol mesmo que as coisas vêm dando certo.

A inflação na Argentina subiu mais do que o previsto em janeiro, chegando perto dos 100% no acumulado dos últimos 12 meses. O dado frustra a expectativa do governo do presidente Alberto Fernández de abrir o ano eleitoral com uma sinalização de redução da inflação. Mesmo assim, o BC argentino decidiu por manter a taxa de juros nos níveis atuais. “Dessa forma, os juros permanecem em território positivo em termos reais, o que garante a proteção da poupança em pesos e contribui para manter ancoradas as expectativas cambiais, favorecendo o processo de desinflação”, ressalta a nota. O BC argentino acrescentou que continuará monitorando a evolução dos preços e do câmbio, com intenção de calibrar sua política e gestão de liquidez conforme necessária.

### México

Mesmo com a perspectiva de novos negócios em território mexicano, como as conversas entre Elon Musk e o presidente López Obrador para a abertura da Tesla também no México, o otimismo neste momento não pertence ao governo mexicano, foi preferível se manter cético, e é o que vem trazendo resultados.

O Banxico reduziu a expectativa de crescimento do PIB para 2023 e para o próximo ano. Segundo a entidade, a economia mexicana deve crescer 1,6% em 2023 e 1,8% em 2024. O Banxico também revisou a previsão da inflação no país para este ano, que espera ser de 7,7% no 1º trimestre e fechar o ano no patamar de 4,9%, próximo da meta da inflação estabelecida pelo banco central, que é de 3,1%. Na nova tendência inflacionária, o Banxico resolveu também elevar a taxa de juros referencial em 0,50 ponto percentual para 11% ao ano e indicou que deve diminuir o ritmo das altas de agora em diante. Em janeiro, a inflação mexicana ficou em 7,91% e o componente subjacente, que reflete melhor tendência da inflação, fixou-se nos 8,45%, surpreendendo pela alta, afirmou o Banxico.

### Brasil

O mês de fevereiro foi marcado pela piora dos indicadores inflacionários e por sinais de desaceleração na atividade. Por aqui, os eventos políticos ainda estão nos holofotes, especialmente as críticas do presidente Lula à política monetária, o atual nível da Selic, a independência do BC e à meta de inflação. Ou seja, ruídos políticos voltaram a dominar o cenário. Além das incertezas sobre a política fiscal, que estão presentes desde a eleição, a condução da política monetária também se tornou alvo de conturbações políticas. Apesar da insatisfação do governo com os atuais níveis dos juros do país, as ameaças junto com o cenário externo mais desafiador, aumentaram as incertezas do mercado e mais criaram problemas do que melhoraram o cenário.

No mês, vimos sinais inequívocos de desaceleração econômica e a visibilidade fiscal ainda é baixa, na ausência de um novo arcabouço fiscal. A inflação apresenta sinais de melhora qualitativa, mas se mantém em patamar alto e incompatível com as metas no horizonte relevante de tempo. Os recentes ruídos entre o novo governo brasileiro e o Banco Central (BCB) ajudaram a criar um clima institucional negativo, que acabou levando a uma alta das expectativas de inflação. Este ambiente torna o trabalho do BCB no controle da inflação ainda mais desafiador. Por fim, mas não menos importante, os recentes problemas em algumas importantes empresas locais, com grande presença no mercado de capitais, estão gerando um aumento de volatilidade e um movimento de reprecificação do mercado local de crédito privado.

Na inflação, o IPCA-15 de fevereiro registrou alta de 0,76% MoM, acima do consenso de 0,72%, no entanto, a leitura não foi negativa, pois a parte de serviços surpreendeu para baixo, e, por outro lado, a alimentação veio mais forte do que esperado. Além disso, o governo pretende reonerar os combustíveis parcialmente. Caso o governo decida subir os impostos da gasolina em R\$ 0,49 (de um total de R\$ 0,69), o impacto no IPCA seria de cerca de 50 pb. Por fim, as expectativas seguem subindo e desancorando das metas, entendemos que este movimento não deve cessar logo.

No setor externo, os dados do balanço de pagamentos foram piores do que esperado em janeiro. A conta corrente apresentou déficit de US\$ 8,8 bi, acima do consenso (US\$ -8,2 bi). Em 12 meses, o saldo ficou em US\$ -55,4 bi (2,87% do PIB). A maior saída de lucros e dividendos mais que compensou o desempenho positivo da balança comercial. Já o investimento estrangeiro direto veio em US\$ 6,9 bi (consenso: US\$ 7,6 bi).

No plano local, a tendência da inflação – seus núcleos e métricas de serviços - dá sinais de estabilização em um patamar elevado, entre 5,5% e 6,0%. A atividade econômica corrente ainda não dá mostras de contração, mas os índices de confiança em baixa, o aumento na inadimplência no crédito às famílias e às empresas e o efeito do aperto monetário sugerem que em breve teremos sinais mais concretos nessa direção. A expectativa de uma contração na atividade econômica é ainda mais intensa, devido a pressão do governo sobre o Banco Central, para que este relaxe a política monetária.

(./...)

7

## Brasil

O novo arcabouço fiscal deve ser anunciado nas próximas semanas. As indicações veiculadas na mídia sugerem que ele será consistente com crescimento real da despesa superior a 2% ao ano, ritmo que implicará o crescimento acelerado da dívida, considerando hipóteses realistas para o crescimento do PIB e a taxa real de juros. Além disso, pelo que foi divulgado até aqui, não há qualquer indicativo de que o arcabouço incluirá medidas compensatórias, ou limitadoras de despesa, no caso de eventual descumprimento da meta. O teto de gastos, por exemplo, entre outras travas à despesa, veta reajustes salariais e contratações de pessoal, além de aumentos reais no salário-mínimo, no caso de descumprimento da regra fiscal. Sem medidas punitivas como estas, qualquer meta ou arcabouço fiscal não passa de uma carta de boas intenções, perdendo quase a totalidade de seu valor.

Para complementar, do ponto de vista da receita, a reoneração do PIS/Cofins sobre os combustíveis, o governo anunciou a cobrança de um imposto sobre as exportações de petróleo. Entre todas as opções disponíveis para aumentar impostos, essa é muito provavelmente a mais desastrosa, do ponto de vista de eficiência e distorção econômica – este foi um dos mecanismos utilizados pela Argentina, por exemplo, para asfixiar seu setor agrícola e dele extrair o máximo de recurso possível, com as tristes consequências conhecidas. Se este imposto for instituído para outros setores exportadores, como proteína animal e mineração, o potencial de destruição de oferta a médio prazo, redução no saldo comercial e desorganização econômica associados podem ser imensos. Esta medida se somou a uma série de outras – algumas, ainda no plano da intenção – outras, em fase de implementação, que o governo já anunciou, e que não contribuem para um bom ambiente de negócios, para o equilíbrio fiscal e para o crescimento econômico.

O mercado, por ora, vem relevando estes desenvolvimentos. Os preços de ativos brasileiros estão, no entanto, crescentemente vulneráveis a uma mudança no ambiente externo, ou à materialização de uma dinâmica pior para a atividade econômica local. O quadro local, assim como o global, não é compatível com redução de juros e, portanto, deveremos seguir cautelosos observando o desenrolar dos fatos.



## Juros & Câmbio

No Brasil, mais uma vez, o BCB optou por manutenção da Taxa Selic em 13,75%, em meio as conturbadas pautas de redução da meta de inflação e independência do Banco Central.

Após alguns dias de volatilidade elevada nos juros futuros, o clima de tensão entre Lula e Roberto Campos arrefeceu após declarações conciliatórias. O clima mais ameno no mercado de juros prevaleceu ao longo do carnaval, até a divulgação dos números do PCE nos EUA, que contaminaram os principais mercados do mundo.

No início do mês, o FED confirmou as expectativas de Wall Street ao elevar a taxa básica de juros americana em 0,25%, levando-a ao intervalo de 4,5%-4,75%, a maior desde 2007.

Ainda em território norte-americano, no fim do mês, os números do índice de preços de gastos com consumo (PCE) surpreenderam negativamente o mercado, indicando que o ponto de inflexão da inflação ainda pode estar mais longe do que o precificado.

Nesse cenário, observamos uma série de revisões das projeções em relação ao ciclo de alta de juros norte-americano. Dado as novas informações e conforme o posicionamento dos membros do FED, já que alguns nomes voltaram a discutir altas de 0,5%, acreditamos em um pico de juros americanos no intervalo entre 5,5% e 5,75%, no mês de julho.

Na Europa, o BCE também elevou as principais taxas de juros, em 0,5%, levando a taxa de depósito a um intervalo de 2,0%-2,5%, conforme as expectativas. Os membros do comitê indicaram que as taxas ainda terão que subir significativamente e em ritmo constante para atingir a meta de inflação de 2% no médio prazo.

O índice DXY encerrou sua trajetória de baixa iniciada em setembro do ano anterior, e voltou a subir, em alta de 2,8% aos 104,95 pontos.

Em relação ao real, o dólar comercial apresentou valorização de 2,8%, impactado não só pela tendência de alta do dólar globalmente, como também pelos característicos ruídos políticos do nosso mercado, mencionados acima.

Para o Bitcoin, o mês de fevereiro ficou marcado pela forte volatilidade do ativo. No início do mês, apresentou quedas relevantes, sendo negociado a 21K USD e, na sequência, apresentou recuperação expressiva, aos 24,8K USD. No fim do mês, a baixa foi de apenas 0,1%.

Moedas		
Dólar	5,21	2,13%
Euro	5,54	0,51%
Libra	6,29	0,71%
Yuan	0,76	0,56%
Iene	0,04	-1,44%
Lira Turca	0,28	2,82%

Evolução Dólar



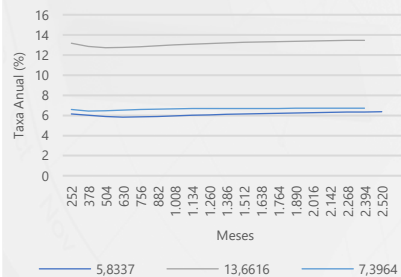
Fonte(s): Investing. Elaborado pelo AWARE Investments

Evolução Ouro



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo AWARE Investments

Curva de Juros



Fonte(s): Anbima. Elaborado pelo AWARE Investments

## Bolsas

Depois de um mês de janeiro razoável para os ativos de risco, em fevereiro, o Ibovespa sofreu forte correção pelas expectativas de taxas de juros mais altas nos EUA e pela incerteza sobre a questão fiscal do país, como comentamos acima.

A queda do principal índice doméstico foi de 7,5%, contribuindo para desempenho negativo em 4,4% desde o início de 2023. Apesar de uma percepção generalizada de que as ações locais estão sendo negociadas com descontos expressivos, o cenário conturbado impede a tomada de risco.

O EWZ, conhecido como Ibovespa em dólares, registrou performance negativa, em 10,12%, pressionado não só pelo baixo apetite a risco no Brasil, como também pelo fraco Real no mês.

Além dos fundos de ações locais ainda estarem sofrendo com os resgates, já que é difícil competir com a Selic de 13,75%, os investidores estrangeiros também estão sendo atraídos pelos juros americanos mais fortes. Nesse cenário, observamos uma retirada de 1,7 bilhões da bolsa brasileira em fevereiro. No ano, o saldo permanece positivo em 10,9 bilhões.

Nos EUA, também observamos um movimento de cautela, após Wall Street aumentar as apostas de juros mais altos e por um período mais prolongado, como abordamos anteriormente nesta carta.

Nesse cenário, o S&P 500 recuou 2,61% aos 3.970 pontos, enquanto o Nasdaq recuou apenas 1,1%, por ter apresentado forte valorização nos primeiros dias do mês, antes do risk off contaminar o mercado.

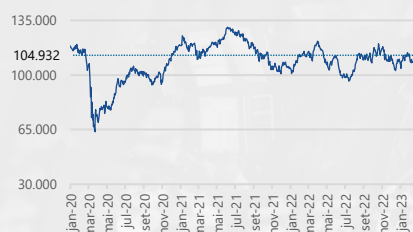
Na Europa, observamos um cenário consideravelmente mais calmo do que nas Américas, já que o Euro Stoxx apresentou ganhos de 1,8%.

Ainda no Velho Continente, registramos os desempenhos dos principais índices, onde CAC (França), DAX (Alemanha) e FTSE (Reino Unido) registraram altas de 2,62%, 1,57% e 1,35%, respectivamente.

Na Ásia, o cenário foi de menor volatilidade, semelhante ao que observamos na Europa. Nesse cenário, o Nikkei registrou ganhos de apenas 0,43%. Na China, o SSE Composite registrou ganhos de 0,74%, enquanto o Shenzhen Composite registrou queda de 0,02%.

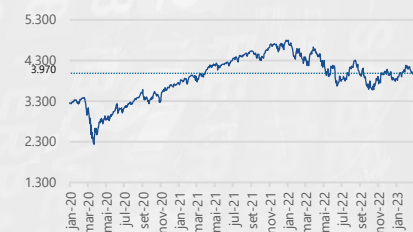
Índices		
Ibovespa	104.932,00	-7,49%
S&P 500	3.970,15	-2,61%
Nasdaq	11.455,54	-1,11%
Euro Stoxx 50	4.238,38	1,80%
Shanghai	3.279,61	0,74%

Ibovespa



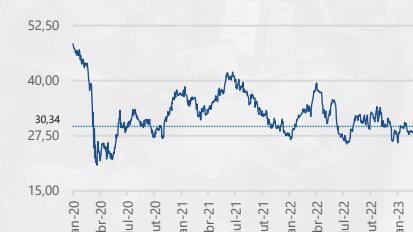
Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

S&P 500



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

Índice EWZ



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

### Perspectivas

No Brasil, o governo acertou a volta gradual de tributos sobre os combustíveis, com a intenção de não impactar de forma elevada os preços, e ao mesmo tempo, manter a previsão de arrecadação de R\$28 bi. Essa atitude, deve trazer um certo alívio ao mercado, pois ao mesmo tempo que essa decisão ajuda a conter um pouco a alta da inflação, sinaliza que o governo está olhando para responsabilidade fiscal. Apesar disso, o cenário continua sendo de muita cautela. As recentes críticas do Presidente Lula a atual taxa básica de juros, e a defesa da tese de uma meta de inflação mais alta, assusta aos investidores, que evitam no momento posições mais arrojadas, preocupados com o futuro do país.

Devemos ter volatilidade no mercado brasileiro, enquanto os rumos da política fiscal não ficarem claros, com uma visão mais pessimista para os ativos de renda variável e uma procura maior de ativos de renda fixa, por conta dos atuais níveis de juros. O câmbio também deve seguir pressionado, por conta dessas incertezas políticas e fiscais, fazendo com que o real continue desvalorizado frente ao dólar.

O cenário internacional também se apresenta mais conturbado nos próximos meses. Nos Estados Unidos, se as perspectivas ao final de janeiro eram as melhores possíveis, os sentimentos otimistas deram lugar a um pessimismo rapidamente. Em fevereiro, os dados mais robustos divulgados da economia norte americana, fazem com que o mercado acredite que os juros nos EUA seguirão subindo, e já há quem acredite que a fed funds pode chegar perto dos 6%.

Fato é, que esse sentimento pessimista afasta os investidores da bolsa de valores, e faz o dólar seguir valorizado frente a outras moedas, com o investidor priorizando a renda fixa norte-americana para se aproveitar das taxas mais altas, fugindo de correr maiores riscos.

Com relação a Europa, após 1 ano de guerra, ainda não sabemos o que pode acontecer ainda. Um grupo de países, incluindo Brasil e China, estão dispostos a negociar a paz entre Rússia e Ucrânia. O fim da guerra ajudaria bastante a impulsionar o otimismo na Zona do Euro, que vem traduzido na recente fala da presidente do BCE, Christine Lagarde, que não espera que os países da Zona do Euro (com exceção da Suécia) entrem em recessão em 2023, e tampouco vê possibilidade iminente de uma espiral inflacionária por conta do aumento de salários.

Apesar da inflação estar ainda em níveis elevados tanto na Zona do Euro quanto na Inglaterra, e do Banco Central Europeu comunicar claramente intenção de elevar juros em 0,5 ponto em março, ainda assim, o mercado permanece um pouco mais otimista com relação ao velho continente.

Em relação a Ásia, entendemos que a região pode se beneficiar do fluxo de capital vindo de outras nações, devido ao complexo cenário de investimentos em países desenvolvidos. No último mês, observamos na China, mais notícias de flexibilização da política de covid zero e um movimento técnico de realização de lucros, após um rally de alta de três meses de duração. Esse movimento, pode fazer com que o investidor olhe para Asia nos próximos meses, como um local de refúgio,<sup>11</sup>



### *Disclaimer*

Nossas opiniões são frequentemente baseadas em várias fontes, já que dependemos grande parte de nosso tempo com análises de amplitude global de vários bancos, gestores, corretoras e consultores independentes.

Todas as opiniões contidas neste relatório representam nosso julgamento até esta data e podem mudar sem aviso prévio, a qualquer momento.

As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo e não devem ser consideradas como uma oferta de aquisição de cotas dos fundos de investimentos. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura, sempre leia o prospecto e o regulamento antes de investir.

Be **AWARE** with your  
investments

---

AWARE INVESTMENTS  
Multi Family Office

Sao Paulo • Rio de Janeiro • Belo Horizonte • Lisbon • Geneva

[contato@awaregestao.com](mailto:contato@awaregestao.com)  
[www.awaregestao.com](http://www.awaregestao.com)